

A ^{35/3} MARCO 1982
Liahona





A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO
DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITÊ DE
SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzo Busche

EXECUTIVO DO
«INTERNATIONAL
MAGAZINE»:
M. Russel Ballard,
Editor;
Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Sessão Infantil;
Roger Gylling,
Desenhista.

EXECUTIVO DE
A LIAHONA:
Gelson Pizzirani,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da Costa
Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

MARÇO DE 1982
PBMÁ0438PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência:
"ORAI SEMPRE", Presidente Spencer W. Kimball.
9. PERGUNTAS E RESPOSTAS: Ermel J. Morton.
10. QUANDO O AMOR TRANSFORMA O DEVER, J. Spencer Kinard.
12. JESUS, O CRISTO, Edwin Brown Firmage.
19. "SOU O IRMÃO HUGHES, SEU MESTRE FAMILIAR", Martine Bates
20. A BÊNÇÃO, Deris Jan Stokes.
21. ATRAVÉS DE NUVENS ESCURAS..., Kathy Wilcox.
24. O PROCESSO DE SER, Élder Derek A. Cuthbert.
33. A SABEDORIA DA VOVÓ WINDSOR, Colleen Riley.
36. "FAZEI PROVA DE MIM", Scot R. Meyers.

SEÇÃO INFANTIL

- I - DE UM AMIGO PARA OUTRO (Élder Ronald E. Poelman), Joleen Meredith.
- IV - O LEGADO, Betty Lou Mell.
- VIII - SÓ PARA DIVERTIR.

NOTÍCIAS LOCAIS

- I Constância em Meio a Mudança
- VI Vitória - Capital do Estado do Espírito Santo
- VIII A Segunda milha
- X Agência de Emprego na Estaca Rio de Janeiro/Andaraí
- XI Minha visita ao Brasil
Um dia que não volta mais
- XII Feira de Artesanato
- XIII Seminário dos Presidentes de Missão
Primária Internacional
- XIV Uma reunião no Pico do Jaraguá
- XV 2º Campeonato de Futebol de Salão da Estaca S. Paulo Ipiranga
O Missionário
- XVI Como a Sociedade de Socorro tem influido em minha vida

CAPA POSTERIOR

"Resuscitou verdadeiramente o Senhor." (Lucas 24:34.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n° 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 200,00 para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa edição: Cr\$ 20,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n° 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n° 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamos-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Mensagem da Primeira Presidência

Existe uma coisa que o Pai Celeste quer que todos nós tenhamos — isto é, o conhecimento pessoal de que ele ouve e responde às nossas preces. Sempre tive um sentimento muito profundo para com a oração, seu poder e suas bênçãos. E por isto sou grato ao Pai Celeste e a meus queridos pais e professo-

res, que me ensinaram, por preceito e exemplo, a orar com sinceridade e em retidão.

Estou certo de que, orando fervorosamente e em retidão, individualmente e em família, quando nos recolhemos à noite e pela manhã ao nos levantarmos, e à mesa de refeições, haverá não só mais união entre os fami-

"Orai Sempre"

Presidente Spencer W. Kimball



“Orai Sempre”

liares como cresceremos espiritualmente, através da comunhão com nosso Pai Celestial.

Todos nós temos tanta necessidade do seu auxílio na aprendizagem e posterior vivência das verdades do evangelho, como nas grandes decisões de nossa vida: decisões a respeito dos estudos, casamento, emprego, domicílio, criação dos filhos, serviço mútuo na obra do Senhor, além de buscarmos seu perdão e contínua diretriz e proteção em tudo o que fazemos. Nossa lista de necessidades é longa, real e sincera.

Quando, anos atrás, costumava percorrer as estacas e missões da Igreja, muitas vezes encontrava pessoas com problemas e grandes necessidades. A primeira pergunta que lhes fazia era: “E quanto às orações? Quantas vezes orais? Quão profundo é vosso fervor quando orais?” Tenho observado que geralmente o pecado é produto da falta de comunicação. Por este motivo é que o Senhor disse ao Profeta Joseph Smith: “O que digo a um, digo a todos; orai sempre para que o ser perverso não tenha poder sobre vós.” (D&C 93:49.)

Foi o próprio Mestre quem nos ensinou a orar, dizendo:

“Assim, pois, orareis: Pai

nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome.

“Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.

“Perdoa-nos nossas dívidas assim como nós perdoamos nossos devedores.

“E não nos induzas em tentação mas livra-nos do mal;

“Pois teu é o reino, o poder e a glória, para sempre. Amém.” (3 Néfi 13:9-13).

Nestas diretrizes, há muito o que ver com respeito à atitude, ao amor a seus propósitos, amor ao próximo, demonstração de que nossa fé e vida possuem o devido enfoque. Se, como povo, procurarmos aprender essas diretrizes básicas, estaremos preparados para progredir em espiritualidade e no entendimento da oração.

Ao nos reunirmos em oração, seja em casa, na Igreja, em ambientes sociais ou públicos, devemos-nos lembrar do propósito de nossas preces — a comunicação com nosso Pai Celeste. Verifiquei que, por difícil que possa parecer, ao orar em grupo com os outros, é bem melhor para nossa atitude estarmos sincera e honestamente preocupados na comunicação com Deus, do que com aquilo que os ouvintes possam estar pensando. Logicamente, é preciso levar em consideração o ambiente em que estamos

orando; e esta é uma das razões por que nossas preces não podem restringir-se às orações em público ou em família.

É no círculo familiar porém, que nossos filhos aprendem a conversar com o Pai Celestial, ouvindo as orações de seus pais. Logo perceberão quão sentidas e honestas elas se constituem. Se nossas orações forem apressadas, ou até mesmo tendentes a um tolo ritual, eles o perceberão também. Convém proferir nossas orações familiares e particulares conforme recomenda Mórmon: “Portanto, meus amados, rogai ao Pai com toda a energia de vossos corações.” (Morôni 7:48.)

Existem coisas a respeito das quais é melhor orar particularmente, sem preocupação de tempo e sigilo. Orar sozinho é inestimável e muito proveitoso; ajuda a deixarmos de lado vergonha, fingimento ou qualquer vestígio de artifício; ajuda-nos a abrimos nosso coração e sermos totalmente honestos e íntegros na expressão de todas as nossas esperanças e atitudes.

Há muito me convenci de ser necessária a privacidade em nossas preces pessoais. O Salvador de vez em quando sentia necessidade de se isolar nas montanhas ou no deserto a fim de orar. O apóstolo Paulo igualmente procurou o deserto e solidão após

seu grande chamado. Enos dirigiu-se a lugar ermo para comungar com Deus. Joseph Smith encontrou isolamento no bosque, onde somente aves, árvores e Deus podiam ouvir sua prece. Observai alguns pontos-chave no relato: “Assim, de acordo com esta minha resolução de pedir a Deus, *retirei-me* para um bosque, a fim de realizar o meu intento... Era a primeira vez em minha vida que fazia tal tentativa, porque, em meio de todas as minhas ansiedades, não havia procurado até agora orar em *voz alta* (Joseph Smith, 2:14; grifo nosso.)

Nós, também, devemos procurar, se possível, “retirar-nos” para um cômodo, canto ou lugar onde possamos “orar em voz alta” secretamente. Lembramos as muitas vezes que o Senhor nos instruiu a orar em voz alta: “E outra vez, te ordeno que deverás orar, tanto oralmente como em teu coração; sim, tanto diante do mundo como em segredo.” (D&C 19:28.) Isto é tão importante para nossas preces e vida religiosa, que o Senhor instruiu os irmãos do sacerdócio a “visitar a casa de cada membro, exortando-o a orar em voz alta e em segredo e a cumprir todas as obrigações da família”. (D&C 20:51.)

E a respeito do que devemos orar? Devemos externar uma

“Orai Sempre”

gradidão prazerosa e sincera pelas bênçãos recebidas. Diz o Senhor: “E em Espírito deveis render graças a Deus por todas as bênçãos com que sois abençoados.” (D&C 46:32.) Somos tomados por um espírito maravilhoso e confortador, quando expressamos sincera gradidão ao Pai Celeste por nossas bênçãos — pelo evangelho e pelo conhecimento dele que recebemos, pelos esforços e trabalho dos pais e outros em nosso favor, pela nossa família e amigos, pelas oportunidades, pela inteligência, pelo corpo e vida, pelas experiências boas e proveitosas durante a vida, por toda ajuda e bondade de nosso Pai, e pelas preces respondidas. Podemos também orar por nossos líderes. Dizia Paulo:

“Admoesto-te, pois, antes de tudo, que se façam deprecações, orações, intercessões e ações de graça por todos os homens;

“Pelos reis e por todos os que estão em eminência...” (I Tim. 2:1-2.)

Orando assim, desenvolveremos lealdade para com a pátria e as leis que nos governam; e desenvolveremos amor e fé na liderança de nossa Igreja, e nossos filhos os respeitarão, pois se torna muito difícil criticar os oficiais da Igreja, caso oremos honestamente por eles. Alegra-me que, durante toda minha vida, tenha apoiado meus líderes e

orado por seu bem-estar. E nos anos recentes, tenho sentido um grande poder proveniente das orações dos santos semelhantemente elevadas em meu favor.

A obra missionária que tudo abrange deve ser objeto cons-

“Gradidão sincera... pelas experiências boas e proveitosas durante a vida.”



tante de nossas preces. Oramos para que as nações abram suas portas para receberem o evangelho. Oramos pela oportunidade e orientação para levar as boas-novas do glorioso evangelho aos outros. Quando a criança orar durante sua vida inteira pela causa missionária, ela será um bom missionário.

Oramos em favor dos frustrados, perturbados, enfermos, necessitados, dos pecadores. Oramos pela pessoa que sentimos ser nossa inimiga, lembrados do belo e poderoso conselho de Nosso Senhor: “Mas a vós, que ouvis, digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem.” (Lucas 6:27-28.) Será possível perdurar a inimizade, quando alguém orar por seus inimigos?

Oramos por sabedoria, bom senso, compreensão. Oramos por proteção em lugares perigosos, por força nos momentos de tentação. Lembramo-nos das pessoas queridas e dos amigos. Fazemos preces momentâneas em palavra ou pensamento, em voz alta ou em silêncio. Temos sempre no coração uma prece, para que nosso dia corra bem. Conseguirá alguém agir mal tendo no coração e nos lábios uma oração sincera?

Oramos em favor do nosso casamento, nossos filhos, vizinhos, nosso trabalho, nossas de-

cisões, nossos encargos na Igreja, nosso testemunho, sentimentos, metas. Em verdade, aceitando o bom conselho de Amuleque, oramos por misericórdia, em prol de nossos meios de subsistência, nossa casa e contra o poder de nossos inimigos; oramos contra o demônio, inimigo de toda a justiça, e a favor das plantações em nossos campos. E quando não clamamos ao Senhor, deixamos que nossos corações se encham de constantes e fervorosas orações pelo nosso bem-estar, assim como pelo de todos os que nos rodeiam. (Vide Alma 34:18-27.)

Mas, será a prece o único meio de comunicação? Não! Um dos motivos de a prece ser um privilégio tão grande é não apenas poder falar ao Pai Celeste, mas também receber dele amor e inspiração. Ao término de nossas orações, precisamos escutar com intensidade — durante alguns minutos. Acabamos de orar em busca de conselho e ajuda. Agora precisamos quietar-nos e saber que ele é Deus. (Vide Salmo 46:10.)

Que linguagem o Senhor usará? O Senhor aconselhou Oliver Cowdery, que desejava resposta para suas orações, por intermédio de Joseph Smith:

“Em verdade, em verdade te digo que, se desejas outro testemunho, volve tua mente para a

"Orai Sempre"

noite que em teu coração me imploraste para que pudesses saber a verdade com respeito a essas coisas.

"Não dei paz à tua mente quanto ao assunto? Que maior testemunho podes receber que o de Deus?" (D&C 6:22-23.)

Tempos depois, o Senhor voltou a instruir Oliver Cowdery por intermédio do Profeta Joseph Smith: "... deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim que é certo.

"Mas se não for correto, não sentirás isso, mas terás um estu-por de pensamento..." (D&C 9:8-9.)

Aprender a linguagem da oração é uma experiência jubilosa e única na vida. Às vezes, idéias inundam nossa mente, enquanto escutamos após nossas preces. Às vezes somos assoberbados por sentimentos. Um espírito de calma assegura-nos que tudo irá bem. Mas, se tivermos sido honestos e sinceros, sempre teremos uma boa sensação — um sentimento cálido pelo Pai Celeste e a percepção de seu amor por nós. Entristece-me saber que alguns de nós ainda não conhecemos o significado desse calor tranqüilo espiritual, pois ele nos testifica que nossas orações foram ouvidas. E como o Pai Ce-

lestial nos ama com um amor mais profundo do que temos até por nós mesmos, significa que podemos confiar em sua bondade, ter confiança nele; significa que, se continuarmos orando e vivendo como devemos, sua mão nos guiará e abençoará.

E por isso dizemos em nossas preces: "Seja feita a tua vontade" — e fazemo-lo com sinceridade. Não pedimos conselho a um líder para depois desprezá-lo. Não podemos rogar bênçãos ao Senhor e depois ignorar a resposta. Por isso, oramos: "Seja feita a tua vontade, ó Senhor. Tu sabes melhor, bom Pai. Aceitarei e seguirei tua orientação graciosamente." E fazemo-lo, porque as escrituras nos lembram que às vezes "pedimos mal" (vide Tiago 4:3), ou pedimos o que não nos convém (vide D&C 88:65) ou alguma coisa que não é "direito" (vide 3 Néfi 18:20). Contudo, mesmo nisso nosso Pai amoroso é um bom pai, pois o Mestre ensinou:

"E qual o pai dentre vós que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou também, se lhe pedir peixe, lhe dará por peixe uma serpente?

"Pois se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai Celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lucas 11:11,13.)

É um privilégio e enorme alegria poder orar ao Pai Celestial, uma bênção imensa. Nossa experiência, porém, não termina ao fim da oração. Amuleque ensina corretamente: “E agora, meus queridos irmãos,... depois de haverdes (orado), se negardes ao necessitado e ao despido, e não visitardes os aflitos e doentes, nem repartirdes vosso sustento, se o tendes, com os que necessitam, eu vos digo, se não praticardes nenhuma destas coisas, eis que vossas orações serão baldadas e de nada vos valerão, e sereis como os hipócritas que negam a fé.” (Alma 34:28.) Nunca devemos esquecer-nos de viver o evangelho tão honesta e sinceramente quanto oramos.

Se assim fizermos, teremos as bênçãos dos céus. Nossas preces serão vistas como um reflexo do nosso verdadeiro viver. E em nossa total honestidade de palavra e ação com nosso Pai, encontraremos a capacidade de buscar sinceramente sua ajuda, particularmente seu perdão, ao nos arrependermos e provarmos a ele que realmente vivemos tão retamente quanto oramos.

Sempre apreciei a história de Enos, que estava em grande necessidade. Como todos nós — pois ninguém é perfeito — ele havia transgredido. Não conheço a gravidade de seus pecados, mas ele escreveu: “... relatar-

vos-ei a luta que tive perante Deus, antes de receber o perdão de meus pecados.”

Seu relato é vívido e suas palavras comoventes: “Eis que saí para caçar animais na floresta...”

Mas ele não ligou para nenhum animal. Ficou perscrutando a própria alma, buscando, batendo, pedindo, implorando. Estava nascendo de novo. Talvez houvesse vivido a vida inteira num matagal, mas agora buscava um jardim irrigado.

Ele continua: “... e as palavras que freqüentemente havia ouvido de meu pai sobre a vida eterna e alegria dos santos penetraram profundamente em meu coração.”

A memória abriu-lhe a porta para o passado, e ele sentiu-se confortado e inspirado pelas descrições pitorescas do pai, que agora despertavam sua alma.

“E minha alma ficou faminta...” O espírito do arrependimento apoderava-se dele. Sentia remorso, estava pronto para enterrar o velho homem pecaminoso, pronto para ressurgir como um novo homem fiel e santo.

“... ajoelhando-me ante o Criador, dirigi-lhe uma fervorosa oração, suplicando-lhe por minha própria alma...” Reconhecia que ninguém pode ser sal-

“Orai sempre”

vo em seus pecados, que nada impuro pode entrar no reino de Deus. Compreendeu a necessidade de uma purificação, de um novo coração num novo homem. Sabia que não seria coisa fácil, pois escreveu: “... orei o dia inteiro...”

Não se tratava de uma oração casual, de frases feitas, batidas. Minutos se transformaram em horas, e mesmo depois de escurecer, não se achava aliviado; pois o arrependimento não é coisa de momento, nem o perdão uma dádiva gratuita. A comunicação com Deus era-lhe tão preciosa, que continuou sem cessar: “... até depois de ter anoitecido, continuei a elevar minha voz, para que ela chegasse ao céu.”

Então, depois de haver orado fervorosamente, assumido compromissos com sinceridade e demonstrado seguramente a integridade de sua prece, veio-lhe a voz do Senhor: “... teus pecados te são perdoados e tu serás abençoado.” (Enos 1:2-5.)

Que grande bênção e gozo é sabermos que nosso Pai vive e nos ama, que nos perdoa quando nos arrependemos, que está sempre disposto a ajudar e demonstrar amor aos seus queridos filhos.

Após uma vida inteira de orações, conheço o amor, o poder e a força provenientes de uma prece honesta e sincera. Conheço a

prontidão de nosso Pai em auxiliar-nos em nossa experiência mortal, de ensinar, guiar e dirigir-nos. Assim, com grande amor nos disse o Salvador: “O que digo a um digo a todos: orai sempre...” (D&C 93:49.)

Se assim fizermos, adquiriremos um conhecimento pessoal de que nosso Pai Celeste realmente ouve e atende as orações. Ele quer que todos nós tenhamos esse conhecimento. Buscai-o, meus queridos irmãos e irmãs! Buscai-o!

Idéias para os Mestres Familiares

1. Conte uma experiência pessoal com respeito à oração. Peça aos familiares que falem do que sentem ou de alguma experiência que tiveram.
2. No artigo, existem passagens das escrituras ou outras citações que a família poderia ler em voz alta, ou alguma outra passagem que gostaria de ler com eles?
3. Por que é tão importante o conhecimento pessoal de que o Pai Celestial ouve e responde às nossas orações? O que ele importa em nossa vida?
4. Explique como os membros da família poderiam aprimorar suas orações pessoais e públicas.
5. Seria melhor abordar esse ponto depois de conversar antecipadamente com o chefe da casa?

PERGUNTAS & RESPOSTAS



P. Não entendo a injunção do Velho Testamento: "olho por olho, dente por dente" (Êxodo 21:24) Por que o Senhor teria dado aos filhos de Israel essa lei de retaliação?

R. Ermel J. Morton, patriarca da Estaca Rexburg Idaho Leste, Rexburg, Idaho: É interessante saber que essa passagem *não* pretendia sancionar vingança e retaliação. Conforme dada pelo Senhor no Velho Testamento, a frase é uma metáfora de "igual para igual". A mesma idéia é expressa sucintamente por Paulo: "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Gal. 6:7.)

Nos tempos do Velho Testamento, o conceito de "olho por olho" foi dado como um princípio orientador aos juizes, para que suas sentenças fossem justas, e assim os indivíduos não procurassem uma desforra pessoal.

Conforme Alma explica ao filho Coriânton, o princípio operante era a reparação: "reconstituir o mau em mau, ou o carnal em carnal, ou... o bom para o bom, o reto para o que for reto." (Alma 41:13.) Ou então, como o Salvador o coloca no Sermão da Montanha: "Com o juízo com que julgardes sereis julgados." (Mateus 7:2.)

No juízo final, olho será restaurado por olho, dente por dente, misericórdia por misericórdia, bondade por bondade — e, significativamente, o mal por uma vida má no além.

Ao fazer o Sermão da Montanha, o Salvador citou: "Olho por olho, dente por dente", acrescentando a seguir: "Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe

também a outra.” (Mateus 5:38-39.) Com isso, o Senhor não estava invalidando o princípio da justiça divina dado a Moisés no Sinai; antes, censurava os ensinamentos dos escribas e fariseus de sua época que interpretavam erradamente a intenção da escritura. Em lugar de restringir o julgamento aos que tinham autoridade para isso, eles interpretavam o princípio do “olho por olho” como justificativa para a vingança individual, sempre que alguém fosse ferido ou insultado.

Aos filhos de Israel fora ordenado explicitamente na Lei de Moisés: “Não te vingará nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo.” (Levítico 19:18.) Assim, estavam proibidos não só de vingar-se, como também de guardar qualquer ressentimento que pudesse levar à represália. Tinham por dever amar ao próximo, deixando a vingança para o Senhor. (Ver Deuteronômio 32:35; Salmos 94:1.)

Por isso, quando o Salvador ensinou no Sermão da Montanha que não devemos procurar vingança, estava apenas restaurando um princípio dado através de Moisés, e procurando eliminar a tradição mundana resultante dele.

Quando o Amor

Fazemos muitas coisas porque achamos ser nosso dever.

Pagamos impostos, respeitamos os limites de velocidade quando estamos atrasados, voltamos a trabalhar depois do almoço — tudo por dever. E muitos de nós classificamos da mesma forma a obediência a Deus. É o nosso dever. Ficamos preocupados com que nos esteja espiando, pronto para nos pegar quando desobedecemos. Fazemos contrafeitos o que consideramos ser certo, tal como ler as escrituras quando adoraríamos ler o jornal, pagar resolutamente as contribuições, aferir nossa lista de atributos cristãos com implacável determinação.

O dever, é óbvio, tem o seu lugar. Ele merece nossa admiração. É um excelente mestre, o toque que nos faz despertar da modorra, a vara que nos lembra

Transforma o Dever

J. Spencer Kinard

que a vida é maior que nossas pequenas paixões. Como crianças que preferem brincar ao sol a aprender tabuada, nós, às vezes ou talvez muitas vezes, precisamos do dever como força motivadora.

Porém, jamais nos deixemos induzir a pensar que só o dever basta para transformar nosso coração e levar-nos de volta a Deus. Ele é fraco demais para conseguir iluminar o caminho. Nalgum ponto misterioso, o amor precisa transformar o dever, como a luz matutina transforma um bloco de gelo. Precisamos obedecer ao Senhor não por temê-lo, nem mesmo por ser a coisa certa e apropriada. Devemos obedecer-lhe acima de tudo porque o amamos. Por termos anseios de servir. Por ansiarmos ser como ele é, o centro de nossos mais sublimes ideais e profunda afeição.

Não é por acidente que disse o Senhor: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.” (Mateus 5:6.) Fome e sede são termos que entendemos; falamos poderosamente de necessidades humanas. Como disse certo escritor: “Para nós, nada é mais real que a fome.” Amor é outra palavra que consegue derrubar e transpor as barreiras do coração, motivando-nos quando tudo o mais é impotente.

Sim, o Senhor aceitará nossas ações nascidas do dever e até mesmo nos abençoará por elas; contudo, devemos entender que há mais. É o amor que inspira uma sinfonia, um belo livro. É o amor que mantém os pais ao lado da cama de um filho. E finalmente, é o amor, somente o amor que consegue levar-nos de volta ao Senhor.

JESUS, O CRISTO

Edwin Brown Firmage

Anos atrás, por ocasião de um almoço, sentei-me ao lado de um jovem advogado muito capaz e perceptivo, a quem conhecia bastante. Sabia que pertencia a outra fé cristã. Ele sabia que eu era um mórmon ativo.

Depois de alguns comentários superficiais, fez-me certas perguntas sérias. Primeiro, quis saber se a Igreja Mórmon era cristã, acrescentando que fazia a pergunta mais no sentido teológico que moral; dese-

java compreender o papel de Jesus na teologia mórmon.

Uma pergunta tão abrangente deixou-me perplexo. Enquanto procurava ordenar meus pensamentos e formular uma resposta, dei-me conta de que qualquer explicação do papel do Salvador na doutrina mórmon teria de começar forçosamente muito antes de sua missão terrena. Respondi, expondo-lhe brevemente doze papéis de Jesus, o Cristo.



Primeiro, expliquei sucintamente nossa crença em a natureza eterna do homem, parafraseando e comentando diversos versículos da seção 93 de Doutrina & Convênios, onde Jesus fala da inteligência eterna do homem: “No princípio eu estava com o Pai, e eu sou o Primogênito...”

“Vós também no princípio estáveis com o Pai...”

“O homem também no princípio estava com Deus. A inteligência ou luz da verdade não foi criada nem feita, nem pode de veras ser feita...”

“Eis que nisto consiste o livre arbítrio do homem...” (D&C 93:21,23,29,31.)

Em segundo lugar, descrevi o grande conselho nos céus no qual todos os filhos do Pai foram informados de seus planos para promover nosso progresso eterno. Jesus foi o advogado do Pai na defesa do plano que resguardava o arbítrio inerente ao homem por ser ele incriado e eterno. Lúcifer queria alterar o plano, eliminando o arbítrio humano. (Ver Moisés 4:1-3.)

Em terceiro lugar, discutimos o papel de Jesus como criador deste e inúmeros outros mundos, para a promoção do plano do Pai, que fora aceito pela maioria de seus filhos. Citei parte da grande visão concedida a Moisés:

“E eu as criei pela palavra do meu poder, que é meu Unigênito, cheio de graça e verdade.

“E criei mundos sem-número, e também os criei para o meu próprio intento; e por meio do Filho, que é o meu Unigênito, eu os criei.” (Moisés 1:32-33.)

Esta visão cósmica de Jesus era inteiramente nova para meu amigo, causando-lhe profunda impressão.

A próxima função de Cristo, embora conhecida e pregada na igreja primitiva, era igualmente ignorada por meu amigo. Expliquei-lhe que Jesus era Jeová, Deus do Velho Testamento, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o qual dera a Lei de Moisés. Jesus informou esse fato ao Profeta Joseph Smith no Templo de Kirtland (D&C 110:1-4); muito antes disso, explicara seu papel aos nefitas:

“Eis que sou eu quem deu a lei, e quem fez aliança com meu povo Israel; portanto, a lei em mim foi cumprida, porque vim para cumprir a lei; conseqüentemente ela teve fim.” (3 Néfi 15:5.)

Este conceito de Jesus como Jeová, o Deus do Velho Testamento antes de nascer na carne, foi pregado pela igreja primitiva durante quatro séculos, antes de ser substituído por doutrinas apóstatas. Quando acusados de subverter a Lei e os Profetas, os primitivos cristãos judeus costumavam afirmar que o que pregavam não era novo, mas muito, muito antigo, tendo sido pregado pelo próprio Jesus aos profetas desde o princípio. Arthur Cushman McGiffert (teólogo norte-americano, 1861-1933) observa em sua obra *The Church History of Eusebius*, que este primeiro grande historiador religioso defendia o mesmo ponto de vista de todos os antigos eclesiásticos, de que Jesus foi o personagem divino que aparecia aos profetas do Velho Testamento.

“Eusebio* aceita o ponto de vista usual da Igreja primitiva de que as teofanias do Velho Testamento foram cristofanias, isto é, aparições de Cristo, a segunda pessoa da Trindade. Agostinho* parece ter sido um dos primeiros doutores da igreja a defender um ponto de vista diferente, alegando que as pretensas cristofanias não eram consistentes com a identidade essencial entre o Pai e o Filho.” (McGiffert, ed., *The Church History of Eusebius*, 1890.)

Foi somente na altura do quinto grande papel do Mestre que o conhecimento do meu amigo nos permitiu uma base comum para a discussão do papel de Jesus na teologia mórmon. Concordamos que Jesus nasceu da virgem Maria, em cumprimento de uma profecia; que pregou o evangelho ao povo de sua época (segundo a nossa crença, ele *voltou* a pregar o evangelho ao seu povo, em direta fruição e cumprimento de seus ensinamentos anteriores aos profetas) e foi crucificado. Expliquei que os mórmons crêem que Jesus estabeleceu sua igreja com o poder do sacerdócio enquanto aqui na terra; que ela não foi uma criação, como acreditam alguns, de seus seguidores após a crucificação. O Mestre ordenou seus apóstolos, enviou setentas em missão e tinha uma organização de oficiais identificáveis antes da crucificação.

O papel principal do Mestre, lo-

*Eusébio, de Cesaréia, teólogo, historiador, erudito, A.D. 260? 340?

*Agostinho, A.D. 354-430, filósofo e eclesiástico da igreja cristã.

gicamente, o papel que não poderia ser desempenhado por outra pessoa, foi o de Jesus, o Cristo, o qual foi crucificado pelos pecados do mundo. Testifiquei ao meu amigo que eu cria nisso de modo absolutamente literal. Disse-lhe que, embora não fosse capaz de entender plenamente como alguém pode assumir os pecados alheios e com isso possibilitar a ressurreição universal, eu sabia de todo o coração que assim era, e que esta parte do plano é auto-operante e não precisa ser compreendida para ter efeito.

Eu sabia que nossa crença a respeito do sexto papel de Jesus seria absoluta novidade para meu amigo e, devido ao seu caráter peculiar, provavelmente estranha ao seu entendimento ou apreciação. Expliquei-lhe o melhor que pude a missão de Jesus Cristo no Hades ou inferno ou mundo inferior, o lugar dos espíritos dos mortos. Voltei a afirmar que esta missão era do conhecimento dos membros da igreja primitiva. Foi uma missão importante e crítica para o plano do Pai.

Jesus comunicou essa sua intenção aos seus apóstolos, quando esteve com eles em Cesaréia de Filipe, pouco antes de sua transfiguração. O Profeta Joseph Smith diz que Pedro, Tiago e João receberam importantes chaves e investiduras na época da transfiguração, fato este que empresta mais sentido aos comentários anteriores do Mestre a Pedro sobre os poderes de unir e selar. (*History of the Church* 3:387.) Depois de ouvir a testificação de Pedro: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”, em resposta à pergunta ao Mestre: “Quem dizem os homens ser o Filho do homem?”, este lhe disse que “as portas do inferno

não prevaleceriam” contra a sua igreja. (Ver Mateus 16:13-19.)

Para os eruditos que traduziram o Novo Testamento da Versão do Rei Tiago da Bíblia, o inferno não tinha o mesmo sentido de hoje. Não significava o lugar para onde vão as pessoas más, o domínio de Satanás. Era, antes, sinônimo de Hades, o lugar dos mortos, aonde vão os espíritos de todas as pessoas quando morrem. Além disso, por “portas” de uma cidade, entendia-se as defesas externas dela, destinadas a manter separados os seus habitantes dos de fora. Por conseguinte, o Mestre estava dizendo aos discípulos simplesmente que as portas, isto é, as defesas externas ou limites do Hades, o lugar dos mortos, não seriam capazes de impedir a igreja de nele penetrar e libertar as pessoas mantidas ali cativas pela morte. Ele, na verdade, estava anunciando sua descida ao Hades, sua pregação do evangelho ali e seu triunfo sobre os efeitos permanentes da morte sobre a humanidade.

Reafirmei que esta crença se contava entre as mais antigas na igreja primitiva, cujo conhecimento pleno foi restaurado através do Profeta Joseph Smith. Em uma das importantes seções de Doutrina e Convênios a respeito do sacerdócio, o Senhor revelou a Joseph Smith que tinha um plano de salvação suficiente para que “não somente os que creram depois de sua vinda, no meridiano dos tempos, na carne, (recebessem) a vida eterna, mas também todos os que, desde o princípio, sim, mesmo todos os que existiram antes da sua vinda, os quais creram nas palavras dos santos profetas, que falaram de conformidade com a inspiração que receberam pelo



“O Mestre ordenou seus apóstolos...”

dom do Espírito Santo, o qual, na verdade, testemunhou todas as coisas com respeito a ele”. (D&C 20:26.)

A mesma mensagem foi ensinada por Irineu, erudito cristão do sec. II, em termos surpreendentemente semelhantes aos de Joseph Smith.

“Pois não foi somente pelos que creram nele no tempo de Tibério César que Cristo veio, nem o Pai exerceu sua providência só pelos homens que agora vivem, mas por todos os homens indistintamente que desde o princípio, segundo sua

capacidade, temeram e amaram a Deus em sua geração, e praticaram justiça e piedade para com seus semelhantes, e desejaram sinceramente ver a Cristo e ouvir sua voz.” (Irenaeus, livro 4, “Against Heresies”, em *The Writings of Irenaeus*, vol. I, *Ante-Nicene Christian Library*, 1867, pp. 454-55.)

Expliquei que essa doutrina de oportunidade universal de salvação implicou na pregação do evangelho no Hades. Clemente de Alexandria, escrevendo no séc. II, afirmou:

“Por isso, o Senhor pregou o evangelho aos que estavam no Hades. Concordantemente diz a escritura: ‘Hades diz a Destruição: *Não vimos sua forma, mas ouvimos sua voz.*’ ... Mas como? As escrituras mostram que o Senhor pregou o evangelho aos que pereceram no dilúvio... *Os apóstolos, após o Senhor, pregaram o evangelho àqueles no Hades. Pois era preciso, em minha opinião que, como aqui, também lá os melhores discípulos fossem imitadores do Mestre*, para que ele (Cristo) pudesse levar ao arrependimento os pertencentes aos hebreus, e eles (os apóstolos) aos gentios... o Senhor desceu ao Hades por nenhuma outra razão senão pregar o evangelho. Pois não é direito que fossem condenados sem julgamento e que apenas os que viveram depois do advento (do Salvador) tivessem a vantagem da justiça divina... Se, pois, ele pregou o evangelho aos na carne para que não fossem condenados injustamente, como é concebível que ele não pregasse o evangelho pelo mesmo motivo àqueles que partiram desta vida antes do seu advento?” (Clemente de Alexandria, livro VI, “The Miscellanies” em *The Wri-*

tings of Clement of Alexandria, vol. II, *Ante-Nicene Christian Library*, 1867, pp. 328-34; grifo nosso.)

Conhecimento semelhante foi concedido a outro profeta moderno, Joseph F. Smith, ao buscar seriamente o sentido do relato de Pedro a respeito da pregação de Cristo aos espíritos em prisão. (Ver *Visão da Redenção dos Mortos*, D&C 138.)

Muitos dos eclesiastas da igreja primitiva ressaltaram constantemente que Cristo descera ao Hades e organizou um corpo missionário entre os profetas, seus discípulos na época de sua missão como Jeová.

Mencionei ao meu amigo que uma ordenança obrigatoriamente relacionada a essa função do Mestre era o batismo pelos mortos ou batismo vicário. Observei que era isto que Paulo quis dizer quando citou esta ordenança para os santos de Corinto como prova da realidade da ressurreição física: “Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos...?” (1 Cor. 15:29.) A prática do batismo vicário sobreviveu nas áreas rurais do Império Romano, relativamente inatingidas pelas filosofias dos centros urbanos, até meados do sec. IV e talvez mais tempo.

A formação cristã de meu amigo permitiu-nos conversar com conhecimento de causa comum sobre o sétimo papel de Jesus. Debateremos a ressurreição, a aparição de Jesus a Maria, a Pedro e aos discípulos, aos dois discípulos na estrada para Emaús, a Pedro e seus companheiros quando pescavam na Galiléia; e, finalmente, a ascensão do Senhor. Mencionei ao meu amigo que o Senhor, sem dúvida, aprovei-

tou esse tempo para instruir melhor os seus apóstolos. Independentemente de quais possam ter sido tais ensinamentos, ele nos deixou lições incontestáveis sobre o caráter literal da ressurreição (sua aparição aos discípulos: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.” — Lucas 24:39.) e a promessa de seu retorno igualmente literal (na hora da ascensão: “Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.” — Atos 1:11.)

A oitava grande missão do Mestre, mais uma vez, era desconhecida de meu amigo. Descrevi-lhe o ministério do Senhor no Hemisfério Ocidental, em cumprimento a sua declaração aos judeus: “Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor.” (João 10:16.) Contei ao meu amigo que o Pai apresentou seu Filho ao povo deste continente: “Eis aqui meu Filho bem-amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome; a ele deveis ouvir.” (3 Néfi 11:7.) Descrevi como Jesus organizou uma igreja semelhante à que havia estabelecido no Oriente. Chamou e ordenou doze discípulos; houve grandes milagres — os cegos voltaram a ver, os coxos a andar. Crianças foram abençoadas com milagres nunca vistos no Oriente. Jesus fez ao povo uma preleção acerca da natureza e funções da Casa de Israel inigualada por qualquer outra passagem de escritura. Instituiu o sacramento e conferiu o Es-

pírito Santo. Finalmente, ascendeu aos céus, após um ministério de três dias.

Mencionei outra missão do Mestre sobre a qual pouco sabemos além de que se deu. Jesus, falando aos nefitas, declarou que ainda tinha outras ovelhas que também ouviriam a sua voz. (3 Néfi 16:1-5.) Portanto, deve ter havido outro povo que usufruiu um ministério pessoal do Mestre, embora não tenhamos nenhum registro do mesmo.

A décima missão do Mestre foi o início da restauração através do Profeta Joseph Smith. Na ocasião, descrevi com meu próprio testemunho como Joseph Smith implorou a Deus que o conduzisse à verdadeira igreja. Contei os eventos da Primeira Visão, que o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith, e que dali por diante houve outras ministrações angélicas suficientes para restaurar o conhecimento do evangelho e o poder do sacerdócio, a fim de se restabelecer na terra a Igreja de Jesus Cristo, conforme fora estabelecida pessoalmente pelo Mestre no meridiano dos tempos.

Reuni como décima primeira missão do Mestre diversas aparições do Salvador a diferentes pessoas, desde Joseph Smith, após a Primeira Visão, até outros profetas, inclusive Lorenzo Snow, ressaltando como o Mestre realmente dirige a sua igreja hoje como em tempos passados.

Finalmente, descrevi ao meu amigo a missão suprema e ainda não cumprida de Jesus Cristo no grande plano de seu Pai. Afirmei que os mórmons crêem na segunda vinda literal do Mestre, para governar a terra que ele, sob a direção do Pai, criou pessoalmente.

"Sou o Irmão Hughes, Seu Mestre Familiar"

Martine Bates

A última vez que vi minha irmãzinha Lorraine foi num quarto de hospital à prova de som que cheirava a sabão. Ela jazia numa grande cama metálica envolta em níveis lençóis esterilizados, rodeada de tanques, tubos e aparelhos de oxigênio. Os médicos confirmaram o que ela já sabia:

— Mãezinha, — ela disse com sua vozinha suave e doce, — mãezinha, eu vou morrer.

Pedi-nos que orássemos por ela — nós que já havíamos esquecido como se ora.

Na noite antes de sua morte, eu estava sentada ao lado da cama dela, enquanto papai e mamãe descansavam um pouco. Ela estava em coma, e eu segurava sua mãozinha entre as minhas debaixo da tenda de oxigênio, tentando desesperadamente transmitir-lhe vida com minha determinação. Minha garganta doía, enquanto refletia quão pouco na verdade eu a conhecera. Dez anos nos separavam — dez anos, meu apartamento de solteira e uma profissão emocionante.

Passados alguns minutos, ouvi alguém entrar no quarto mal iluminado. Erguendo os olhos, dei com um senhor meio calvo, de olhar

compassivo e sorriso bondoso.

— Olá, — disse baixinho. — Sou o Irmão Hughes, seu mestre familiar.

Acabo de saber.

Irmão? pensei em silêncio. Ah, sim... um mórmon.

Mestres familiares eram aqueles senhores de terno escuro, simpáticos, que apareciam em casa, conversavam um pouco e depois se iam. Ou seriam os missionários? Nós éramos inativos e, de fato evitávamos qualquer contato com a Igreja nos dois anos que estávamos morando na cidade. Imaginei como nos encontrara.

— Como está ela? — indagou, com um sorriso meigo, discreto, daqueles que vêm quase só dos olhos. Percebi que não estava ali só por curiosidade nem se julgava melhor do que nós. Não sei como, mas pude sentir que ele realmente se importava.

Por algum motivo, minha primeira reação foi tentar impressioná-lo com uma detalhada descrição clínica das muitas complicações que haviam levado minha irmãzinha ao prognóstico fatal dos médicos. Porém, em vez disso, apenas um estranho gemido fugiu de meus lábios e pus-me a chorar incontinentemente.

Não consigo lembrar-me de tudo o que o Irmão Hughes me disse naquela noite. Mas, quando ele partiu, eu sabia que Lorraine continuaria viva nalgum outro lugar, que seu corpinho frágil como o fino ca-

belo dourado era apenas a concha que a abrigara por algum tempo. Não é que o tivesse dito explicitamente, mas lá no fundo de minha mente, pude vê-la correndo e estendendo os braços para um ser carinhoso que a segurou junto de si, exatamente como papai fazia.

Lorraine nos deixou. Mas o Irmão Hughes continuou a visitar-nos.

Passado um ano, no templo, deram-nos lágrimas quando o Espírito nos testificou que Lorraine estava ali conosco, ao sermos selados como família. E poucos dias mais tarde, eu mesma me casava no templo.

Penso freqüentemente em Lorraine e sempre que acontece, lembro-me do maravilhoso mestre familiar que novamente nos ensinou a orar, que novamente nos mostrou o único caminho verdadeiro no qual a tragédia é suplantada pela esperança eterna.

A Bênção

Deris Jan Stokes

Em agosto de 1976, com vinte e seis anos e proveniente de uma família de não-membros, recebi de meu mestre familiar uma bênção que se cumpriria assombrosamente, poucos meses mais tarde. Embora na época tivesse uma fé firme, ainda assim carregava um pesado fardo. Pouco antes, fora atingido por duras provações de caráter

pessoal. Além disso, eu ansiava profundamente por um companheiro justo, eterno. Queria um marido com quem pudesse compartilhar meus interesses espirituais e acadêmicos, mas achava impossível encontrar alguém assim na Tasmânia, visto que são poucos os membros ali.

Por isso, fiz planos de visitar os Estados Unidos no fim do ano. Esses planos e minha crise pessoal discutiram abertamente com meu mestre familiar, o Irmão J. E. Prebble. Decidimos jejuar juntos, e a seguir ele me daria uma bênção. Nesta bênção, disse-me que, de fato, eu viajaria para os Estados Unidos naquele ano e que, dentro dos três primeiros meses, eu encontraria meu companheiro eterno, que este precisaria de mim para poder desempenhar devidamente suas funções eclesiásticas, que nem tudo seria conforme eu esperava — mas que aconteceria à maneira própria do Senhor e no devido tempo do Senhor, e que, enquanto estivesse fora, entraria no templo e receberia meus endowments.

Os pormenores específicos nos deixaram ambos atônitos, porém totalmente seguros de que o testemunho do Espírito de Deus estava-me dando essa visão do meu futuro.

Ao partir em princípios de dezembro, muitos amigos meus, inclusive meu maravilhoso mestre familiar, Irmão Prebble, apareceram no aeroporto para despedir-se de mim. Levando-me para um lado,

contou-me que “o” vira em sonho — um pouco baixo, de olhos azuis e cabelos de um louro-avermelhado. Tomei o avião cheia de ansiedades e ao mesmo tempo temerosa.

Durante as primeiras semanas nos Estados Unidos, celebrei meus vinte e sete anos recebendo meus endowments, experiência maravilhosa e confortante. Mas os três meses corriam depressa. No fim de janeiro, ainda não havia nenhum sinal “dele”. Devido a uma crise doméstica e problemas de saúde, eu seria obrigada a voltar para a Tasmânia em meados de fevereiro. Sentia-me radiante em poder voltar para casa (como sentira saudades!), mas por outro lado, profundamente desapontada. Cheguei quase a duvidar de Deus e de meu próprio merecimento.

Chegando em casa, busquei o Pai com referência aos meus planos futuros. Tendo perdido recentemente boa parte da audição, já não podia mais continuar lecionando. Decidi matricular-me na Faculdade de Direito. As aulas começariam em princípios de março.

No meu primeiro dia na escola, eu estava examinando a listagem das classes com uma das secretárias, quando se aproximou um sujeito barbado, meio arrogante e ríspido, informando-me bruscamente em que classe eu deveria estar — na dele. Antes de segui-lo, cochichei para a secretária:

— Céus, quem é ele?

— É o Sr. Stokes, um dos profes-

sores.

Sentada ali durante a primeira aula, ocorreu-me um pensamento incrível. Ali estava um sujeito baixo, louro e de olhos azuis — e nosso interesse acadêmico pelo menos nos colocara na mesma classe, se não precisamente lado a lado! *Sem dúvida, poderia ser “ele”,* pensei. *Não é nem membro e parece muito seguro e obstinado; além disso, não é fácil tipos acadêmicos assim se filiarem à Igreja.*

Mais ou menos uma semana depois, Michael Stokes convidou-me para sair com ele. Dei umas desculpas tolas. Na próxima vez, ele não pediu; informou-me que íamos almoçar juntos e eu nem me lembrei de recusar! Em pouco tempo, descobri a pessoa extraordinária que ele era — infalivelmente gentil e compassivo, excepcionalmente dotado, ex-bolsista da Universidade de Oxford na Inglaterra, na qual se formou com notas excelentes em Direito, e um desportista extraordinário. Ainda assim, não era membro.

Dois meses depois, tendo recebido confirmação do Espírito, nós nos casamos. Passados mais dois meses, ele filiou-se à Igreja. Mais tarde, fomos selados no Templo da Nova Zelândia para o tempo e toda a eternidade. Fomos abençoados com duas lindas filhas. Quando verifiquei, vi que nos conhecemos dois meses, três semanas e seis dias depois de minha partida para os Estados Unidos. Sei que a maioria dos

casamentos mistos não levam ao batismo do cônjuge não-membro. Mas alguns sim — e suponho que a única maneira segura é deixar-se guiar pelo Espírito. No meu caso, a resposta foi certamente positiva. O Pai Celestial cumpre suas promessas — mas em seu devido tempo e a sua maneira.

Através de Nuvens Escuras...

Kathy Wilcox

Quando as Autoridades Gerais anunciaram a conferência de área a realizar-se em Madison, Wisconsin, tínhamos a certeza de que estaríamos lá, apesar de não termos o dinheiro necessário para a viagem de duzentos e quarenta quilômetros. Duas semanas mais tarde, o patrão de meu marido pediu alguém para dirigir um caminhão até Madison. O pagamento extra daria para nossas despesas.

Eu costumo perder-me quando dirijo até o armazém local, mas, quando meu marido disse que eu deveria seguir o caminhão, com nosso carro com as crianças, eu sabia que tudo daria certo.

A viagem para Madison transcorreu sem problemas, e a conferência foi uma grande bênção que nos aproximou mais do Salvador e um do outro.

Na viagem de volta, enfrentamos um forte temporal e cheguei a perder de vista o caminhão durante dez minutos, devido à falta de visibilidade. Paramos para pedir ao Pai Celestial que nos ajudasse a entrar na estrada certa. Em cinco minutos, estávamos bem atrás do caminhão. Mas o temporal continuava, e na chuva torrencial, voltamos a ficar separados. Outra prece conduziu-nos à saída para uma estrada secundária relativamente pouco usada. Agora estávamos um tanto isolados, atravessando território desconhecido em meio a um temporal que ia piorando cada vez mais. Eu não tinha mapa nem idéia de como chegar em casa; ainda assim, senti uma grande calma interior, induzindo-me a prosseguir.

Meia hora depois, o céu estava totalmente escuro, e uma chuva torrencial martelava sobre nosso carro. As crianças se achavam assustadas, apesar de dizer-lhes que estávamos em segurança. Prometi que parariamos na primeira casa ou estabelecimento comercial que encontrássemos, a fim de confirmar se estávamos na estrada certa. Mas o medo delas apenas aumentou, quando as pessoas nos informaram que havia avisos da ocorrência de ciclones a nossa frente e que seria melhor não seguirmos viagem.

Com as crianças chorando, preferimos outra oração. Agradecemos ao Senhor os dois maravilhosos dias de conferência e a oportunidade de poder assisti-la juntos;

agradecemos também pelo sacerdócio. Pedimos que as crianças fossem confortadas e pudessem sentir o amor e proteção do Pai Celestial.

Depois, seguimos viagem e resolvevi começar a cantar. Iniciamos cantando canções alegres e músicas folclóricas e acabamos cantando hinos. Assim que começamos a cantar os hinos, uma paz maravilhosa invadiu o carro, e as crianças, uma a uma, caíram no sono.

A paz continuou enquanto eu continuava a cantar, percebendo o tempo todo que seguia em direção da pior tormenta que já vira na vida. Ouvi o Espírito sussurrando-me que prosseguisse. O ar parecia estranhamente calmo, e os únicos sons dentro do carro eram as batidas do meu coração e a respiração tranquila das crianças. Jamais sentira tal silêncio. Então, repentinamente, me vi envolvida por total escuridão, o carro golpeado e sacudido pela força terrível do vento e da chuva torrencial. Ofeguei. Então ouvi mentalmente um coro celeste

cantando os versos familiares.

Quando nos sobrevierem os perigos,

Quando alguém nossa paz ameaçar,

Só em ti nós teremos confiança,

Pois do mal poderás nos livrar.
(*Hinos*, n.º 147.)

Dominada pela grande paz que sentia dentro de mim, soube que mais uma vez estava recebendo uma revelação pessoal.

E nós chegamos em casa sem problemas. Houvera um ciclone que destruiu tudo por onde passou; pelos noticiários, pudemos verificar que meu marido esteve apenas alguns minutos à frente dele e eu teria caído bem em seu caminho, se o Espírito não me dirigisse para outra estrada. Sou grata pela convicção adquirida de que o Pai Celeste conhece e ama seus filhos, que ele vê o “mapa” inteiro e nos guiará ao nosso destino em segurança, se o atendermos.

Prezado Assinante:

Verifique na etiqueta de endereçamento a data do vencimento de sua assinatura.

Sugerimos que, um mês antes do vencimento, seja feita a renovação.

Basta nos enviar um cheque no valor de Cr\$ 200,00 por ano de

assinatura, a favor de Associação Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Não é necessário visá-lo. O endereço é:

CAIXA POSTAL 26023 — 01000 —
São Paulo — SP.

Se estudamos ciências sociais ou sismologia, matemática ou música, biologia ou botânica, línguas ou direito, estamos todos, sem exceção, profunda-

mente envolvidos num processo — isto é, no Processo de Ser.

Lembro-me de que nos meus tempos de faculdade, há uns

O Processo de Ser

Élder Derek A. Cuthbert



trinta e poucos anos atrás, fui classificado como “estudante maduro”, aparentemente, conforme fui informado, por ter servido três anos e meio na Real Força Aérea e ser casado, pai de uma garotinha.

Os responsáveis por essa minha classificação, obviamente, não haviam verificado a definição oficial de “maduro” que é, como todos sabem, “plenamente desenvolvido, completamente formado”. (*Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Aurélio Buarque de Holanda, 1.^a edição.)

No sentido exato da palavra, seria eu um estudante maduro? Teria eu amadurecido com meu serviço militar na Índia, Burma e Hong Kong? As experiências de tempo de guerra, sem dúvida, nos fazem avançar em idade em muitos sentidos, e diz-se que as viagens ampliam nosso horizonte, nosso conhecimento, porém, sem necessariamente aprofundar nosso entendimento.

Ou teria o casamento com quem amava desde a infância me levado à maturidade? Certamente contribuiu para aumentar minhas responsabilidades, presenteou-me com muitas oportunidades e exigia importantes decisões.

É relativamente fácil verificar quando uma fruta está madura,

e fica patente quando está passada. Mas, e quanto a nós? Será que amadurecemos automaticamente com o passar do tempo? É possível que uma pessoa jovem seja mais madura que outra mais idosa, ou uma pessoa de pequena estatura mais madura que outra alta? Fico pensando no menino Jesus no templo, “assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os”. (Lucas 2:46.) Os eruditos doutores da lei judaica ficaram abismados com sua maturidade.

“Os eruditos doutores da lei judaica ficaram abismados com sua maturidade.”

Que padrão de medida devemos usar? No curso colegial e na faculdade, fui submetido a numerosos exames e provas. Recebia notas, algumas conforme o esperado, outras milagrosamente mais altas. Serviriam os feitos acadêmicos como medida de maturidade? Lembro-me do erudito Saulo de Tarso, cujo saber o instigava a perseguir os cristãos, sendo instruído por Gamaliel. Quão maravilhoso foi ele declarar, depois de sua miraculosa conversão: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado.” (1 Cor. 2:2.)

Nem todo meu tempo de estudante passei nas salas de aula ou biblioteca. Passava muitas horas nas pistas treinando para eventos atléticos, sendo escolhido não só para a equipe de atletismo como também para os times de *rugby* e *críquete*.

Servem os feitos desportivos como medida de maturidade?

Recordo-me de uma carta de uma excelente moça, divorciada após somente dois anos de casamento, queixando-se: “Meu marido só pensava em esporte, esporte e mais esporte. Não tinha nenhum interesse na parceria do casamento.” Provavelmente podemos concluir que não tinha suficiente maturidade para o casamento, embora sendo um ex-

celente jogador de futebol.

E quanto aos interesses sociais? Durante meus anos de educação formal, adquiri algum traquejo social, certo apreço por música, artes e literatura, e alguma habilidade em comunicar-me com os outros. Seriam estas qualidades básicas para a maturidade? Como sói acontecer, o Salvador provê a resposta, pois Lucas nos diz que “crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens”. (Lucas 2:52.)

Portanto, eis a chave da maturidade — um progresso equilibrado nas quatro áreas do empenho humano — mental, físico, espiritual e social.

Quando eu era estudante de tempo integral na Inglaterra, de 1948 a 1950, na Universidade de Nottingham, não tive a felicidade de ser um santo dos últimos dias. Não compreendia o propósito da vida, nem o progresso e esforço requerido para cumprir esse meu propósito. Saía-me razoavelmente bem no aspecto acadêmico, desportivo e social. Espiritualmente, porém, faltava-me alguma coisa, pois tinha uma religiosidade sem genuína substância. Tinha sido ativo em minha igreja durante a vida inteira, mas não saberia responder a perguntas doutrinárias básicas, se perguntado.

Meu verdadeiro progresso começou aos quase vinte e quatro anos de idade. Acabara de me formar com honras em ciências econômicas e direito, e iniciara minha carreira na indústria como funcionário em treinamento gerencial numa grande companhia de produtos têxteis, químicos e plásticos.

Poucas semanas depois, missionários mórmons foram conduzidos — repito, foram conduzidos à minha porta. De fato, o Senhor nos mandou três missionários. (Ele sabia que eu era um osso duro.) Além disso, minha mulher me informou que todos eles tinham o mesmo prenome — Élder.

Todos que já viram o excelente filme estático no qual o Presidente Kimball nos ensina como ser um membro missionário sabem que determinadas circunstâncias facilitam a amizade. Nós éramos um caso clássico de novas circunstâncias favoráveis a maior receptividade para a mensagem do evangelho. Não só acabara de aceitar meu primeiro emprego civil, como mudáramos para uma nova casa e, acima de tudo, nascera nosso segundo filho.

Sim, muita coisa em nossa vida havia mudado; porém por causa dos missionários, transformou-se toda nossa visão da vida.

Eles nos ensinaram o plano de salvação, o plano de Deus para nosso progresso eterno — o plano de Deus que nos ajuda a atingir o desenvolvimento pleno, que é a genuína maturidade.

Nossos valores mudaram e, conseqüentemente, também os padrões de medida, quando reconhecemos a veracidade da mensagem dos missionários. Nossa vida começou a tornar-se mais plena e cheia de propósito, a sazonar e amadurecer. Declaro-vos esta mensagem com toda solenidade e poder. Jesus Cristo, o Filho Unigênito do Pai Eterno, é nosso Salvador e Redentor pessoal. Ele restaurou sua Igreja e o evangelho conforme foi profetizado, e falou mais uma vez através de santos profetas, a começar com o Profeta Joseph Smith.

Um amigo, observando as mudanças em nossa vida, particularmente com respeito à Palavra de Sabedoria, disse: — Você nunca terá sucesso nos negócios, se não fumar nem beber.

Como estava errado! Ele faliu e eu progredi.

Nosso batismo foi de fato o ponto decisivo, pois foram abertos os olhos de nosso entendimento. Tinha início, para nós, o Processo de Ser; e tínhamos para nos ajudar, guiar, confortar e ensinar “as coisas pacíficas do

“É fácil verificar quando uma fruta está madura... Mas, e quanto a nós?”

Como estávamos e estamos gratos pelo princípio do dízimo. E como era fácil cumpri-lo! Pagamos primeiro o dízimo, e depois o Senhor nos ajuda a fazer uso sábio dos nove décimos restantes. Posso prestar testemunho disso.

Jamais nos preocupamos com bens materiais. Quando nos filiamos à Igreja, não tínhamos carro, nem telefone, máquina de lavar roupa, refrigerador ou aspirador de pó. Sempre tivemos apreço pela admoestação e promessa do Senhor: “Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” (Mateus 6:33.) Posso testificar convictamente que isto é um fato, pois nos foram acrescentadas as coisas que nos ajudariam a sermos mais eficientes na obra do Senhor.

reino”, o Espírito Santo, que nos fora conferido após o batismo. (D&C 36:2.)

Meu primeiro real encargo na indústria deu-se quase simultaneamente com o batismo. Alguns acharam ser uma promoção prematura para um funcionário novato; mas as janelas do céu se abriram e as prometidas bênçãos decorrentes do pagamento do dízimo derramaram-se sobre nossa pequena e humilde família. (Ver Malaquias 3:10.)

O reverso também é verdade. Voltamos ao nosso primeiro lar vinte e cinco anos mais tarde. Alguns de nossos antigos vizinhos continuavam lá; pareciam exatamente como eram antes; não tinham amadurecido nada. Tendo recusado o evangelho, estavam espiritualmente mortos.

Meu primeiro encargo na indústria era um trabalho fascinante que me fez mergulhar no maravilhoso mundo da petroquímica. Fiquei encarregado dos

cálculos de custo, estatísticas e serviços administrativos. Não demorou, eu estava usando sua linguagem técnica, traçando fluxogramas de processamento, elaborando relatórios de progresso e fazendo milhares de cálculos, estimativas e projeções. Havia as matérias-primas e subprodutos, catalisadores e produtos associados, produção e eficiência. Era uma trabalhadora e tanto, mas também muito divertido, pois eu gostava imensamente de meu trabalho. Não era só minha visão industrial que se estava ampliando, mas a visão da vida. Existem tantos paralelos entre o processo industrial e o Processo de Ser.

Logo descobri que o petroquímico era apenas o início de uma série de processos correlacionados que, naquele complexo industrial, cobriam uma gleba de 142 hectares e davam emprego a cerca de 10000 pessoas. Era fascinante observar a matéria-prima entrando pelos portões, trens inteiros de petróleo e caminhões carregados de celulose, além de inúmeras outras embalagens de toda forma e tamanho. Algum tempo depois, eu via caminhões saindo da fábrica, carregados de belos tecidos e plásticos resistentes, e ficava imaginando como acontecera tal milagre. A conclusão tornou-se ób-

via, quando estudei não só o processo industrial, como o Processo de Ser. Acontecera a conversão! Vim a apreciar o processo industrial capaz de transformações tão maravilhosas, que convertia rios de petróleo e montanhas de polpa de madeira em coisas que usamos diariamente.

E quanto à vida? Não é também um processo? Na verdade, não é o processo de tornar-se? Acaso não precisamos sofrer mudanças, transformações e até mesmo conversões para nos tornarmos o que devemos ser, o que nosso Pai espera e anseia que nos tornemos?

Quais são as matérias-primas que nos confiou no início de nossa jornada na mortalidade, no início de nosso processo de nos tornarmos iguais a ele?

Primeiro, nossa inteligência, “ou, em outras palavras, luz e verdade”. (D&C 93:36.)

Segundo, nosso corpo espiritual, fornecido pelo Pai Eterno, pois é ele o autêntico “Pai dos espíritos”. (Hebr. 12:9.)

Terceiro, nosso corpo físico, a morada de nosso espírito durante nossa jornada terrena.

Quarto, nossos dons e talentos inatos, pois “toda boa dádiva vem de Cristo”. (Morôni 10:18.)

Quinto, “uma terra” na qual

pudéssemos “morar”. (Abraão 3:24.)

E sexto, o tempo concedido que não devemos desperdiçar. (Ver D&C 60:13.)

A maneira de usarmos, ou antes convertermos essas preciosas matérias-primas, é o verdadeiro Processo de Ser. Diz o Salvador: “Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?” (Lucas 2:49.) E qual é o negócio de nosso Pai? Não é “proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem”? (Moisés 1:39.) Isto, então, deve ser maturidade, alcançar atributos divinos.

O Salvador ensinou: “Estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida.” (Mateus 7:14.) O caminho que conduz à vida eterna é não só estreito e apertado, requerendo disciplina e obediência, como também longo — leva a vida inteira. O Profeta Néfi enfatizou isto, declarando que, depois de entrar no caminho estreito e apertado, “deveis... prosseguir para a frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteados-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim, eis que diz o Pai: Tereis a vida eterna”. (2 Néfi 31:20.)

Voltando à nossa indústria petroquímica, o primeiro processo era a operação de “craqueio”, na qual o petróleo era decomposto em vários componentes líquidos e gasosos por meio de intenso calor e pressão.

Quando menino, fiquei impressionado, e ainda continuo, pela história de Sadraque, Mesaque e Abednego que, por serem fiéis a Deus e se recusarem a adorar ídolos, foram lançados numa fornalha ardente por Nabucodonosor, rei da Babilônia. O rei ficou assombrado ao ver não três, mas quatro homens andando incólumes no meio das labaredas, e declarou: “... o aspecto do quarto é semelhante ao filho dos deuses”. (Daniel 3:25.)

Sois capazes de resistir ao fogo da crítica, às pressões da tentação, aos “dardos inflamados do maligno”? (D&C 27:17.) O Senhor não quer ver produtos em nossa vida? Por exemplo, quanto tempo é desperdiçado, quanto talento continua latente, quanto intelecto fica adormecido? Inteligência e espírito, energia e talento, espaço e tempo — estão todos dentro de nossa mordomia. Nosso Pai beneficente não no-los deu para serem desperdiçados e mal empregados, mas para os convertermos numa vida exemplar e de serviço ao próximo. “E quem for um mordomo fiel, justo e sábio, en-

vas persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder.

“Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.” (1 Cor. 2:4-5.)

Oro também que “o Espírito do Senhor Onipotente — tenha efetuado — em nós ou em nossos corações, uma grande mudança, de modo que não tenhamos mais vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente”, pois este foi o efeito do sermão do Rei Benjamim. (Mosiah 5:2.)

Gostaria de contar-vos uma parábola. Havia um homem que, desejando deleitar-se com as belezas da natureza, foi dar uma caminhada pela mata, às margens de um riozinho de águas ligeiras e cristalinas. Contemplando a magnificência das obras do Senhor, deixou de observar o caminho desigual atravessado por raízes em busca de umidade, e acabou tropeçando e caindo na água. A profundidade desta era maior do que ele imaginara: além disso, não sabia nadar. Gritou por socorro, mas ninguém ouviu. Conseguindo voltar à tona, voltou a gritar já sem muita esperança e afundou pela segunda vez. Seu grito foi bem mais fraco ao emergir pela última vez, e quem haveria de ouvi-lo agora? Mas outra pessoa, an-

“Quais são as matérias-primas que nos confiou no início de nossa jornada na mortalidade?”

trará para o gozo do seu Senhor e herdará a vida eterna.” (D&C 51:19.)

Companheiros de estudo do evangelho de Jesus Cristo, elogio-vos por vossa fidelidade, mas digo-vos, sede mais fiéis ainda. Eu vos elogio por vossas realizações em muitos campos de atividade e estudo, mas digo-vos, sede ainda mais diligentes. Eu vos elogio pela espiritualidade que desenvolvestes e irradiáveis, mas digo-vos sede mais espirituais ainda.

Oro, com as palavras do Apóstolo Paulo, que “a minha palavra e a minha pregação” não hajam consistido “em pala-

“Elogio-vos por vossa fidelidade mas digo-vos, sede mais fiéis ainda.”

dando por perto, ouviu o pedido de socorro, mergulhou no rio e trouxe o homem até a margem segura. Ao recobrar-se do susto, o homem encarou seu salvador e disse:

— Muito obrigado, muito obrigado por salvar-me. Como posso demonstrar-lhe meu amor e apreço?

A pessoa que o salvara sorriu e disse:

— Você poderia fazer muita

coisa por mim, — e passou a ensiná-lo com carinho e cuidado. Então aconteceu uma coisa muito triste: o salvador morreu em consequência de seu ato enquanto o salvado continuou vivo. A despeito de seu pesar, sentia uma espécie de calor por dentro, pois sabia o que fazer para demonstrar seu amor e gratidão a quem o salvara.

O mesmo acontece conosco, pois nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, morreu para que nós pudéssemos viver. Nós sabemos o que fazer, pois ele nos disse: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.” (João 14:15.)

Não existe coisa mais preciosa para mim do que o testemunho de Jesus Cristo. Testifico que ele é o meu Salvador e Redentor, o Filho do Deus Onipotente. Eu sei que ele vive, que dirige a sua igreja, restaurou-a em sua plenitude e que fala por intermédio de seus profetas, como a nosso querido profeta, o Presidente Spencer W. Kimball.

Que as ricas bênçãos do Senhor possam acompanhar-vos em vossos estudos e em vossa vida pessoal, vossos desafios e decisões, no vosso amadurecimento, e no próprio Processo de Ser, que é crescer até a “medida da estatura completa de Cristo”. (Efésios 4:13.)

Ao entrar na instituição para pessoas idosas, meus pensamentos não se dirigiam realmente para vovó, embora soubesse que estava morrendo. Eu a amava muito e doía saber que logo nos deixaria, mas ela esperava há tanto tempo reunir-se ao vovô, que sua morte poderia parecer mesmo uma bênção, uma recompensa há muito esperada, de sua fidelidade. Minha mente anelava pela mesma certeza quanto ao que reservava o futuro. Eu lutava com uma importante de-

cisão e me sentia confusa; encontrava-me rogando ao Senhor que me desse paz interior. Foi por isso que fiquei tão surpresa ao sentir invadir-me tamanha calma, quando entrei no quarto de vovó. Ela estava chorando. Enxugando as lágrimas da face, contou-me mansamente que, olhando para sua vida pregressa, ficava assoberbada pelas muitas bênçãos recebidas do Senhor. Suas tranqüilas reflexões e gratidão afastaram-me totalmente de minhas preocupações terrenas. Mal pecebi



A Sabedoria da Vovó Windsor

Colleen Riley

que continuava de pé ali, ouvindo-a falar no escuro. Ela estava fraca e morrendo, porém resplandecia.

Qualquer idéia negativa que houvesse feito dela apagou-se em minha mente, e sentia-me tão humilde, que não encontro palavras para explicá-lo. Por que tais momentos não se eternizam em nós? Coloquei minha mão ainda jovem sobre a sua tão enrugada e a segurei. Indaguei em que estava pensando. Ela então disse uma coisa que muitas vezes eu sentira, mas nunca conseguira expressar. Balançando a cabeça, falou:

— Querida, se você soubesse tudo o que penso!

Depois, comentou que eu parecia diferente. Respondi que, provavelmente, era por não usar maquiagem nos olhos. Ela, porém, nem olhara para mim. Estivera olhando pela janela e disse:

— Não, não é isso. Você estava diferente quando entrou aqui. Você está vendo o futuro estendendo-se a sua frente e imagina o que lhe acontecerá.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Como estava certa!

— Querida, não seja impaciente. O Senhor tem muitas coisas boas guardadas para você e ele a ama muito, muito. Mas você é impaciente como eu. Você quer sempre dizer ao Senhor quando está pronto e quando não está.

Então sorriu.

— Eu tenho sido um problema para o Senhor a vida inteira por causa de minha impaciência, e agora que vejo minha vida chegar ao

fim, entendo que ele ainda me ama... ele me ama.

Quando terminou, estava chorando. Eu não chorava por fora, mas vendo suas lágrimas, as minhas brotaram também. Naquele momento, estávamos compartilhando algo como filhas de Deus, não como uma anciã e sua neta. É assim que me lembrarei sempre de Vovó Windsor, e quando chegar a hora de juntar-me a ela, espero que se orgulhe de mim.

Desci as escadarias do prédio com mais este testemunho — que, na verdade, não existe ninguém maior do que nós próprios, e que ele nos ama muito mais do que conseguimos imaginar. Ele nos abençoa com tanta profusão! Sabendo disso, não posso ser nada menos que o máximo ao meu alcance. Quando falho, estou punindo a mim mesma. Ele é um Deus de amor abundante, não de ódio ou ressentimento. Faço tanta coisa errada, e apesar disso, ele me ama. Contemplando o rosto de vovó naquele dia, pude ver esse amor. Pude ver sabedoria, humildade e paz — uma paz imensa. Gostaria de ter podido gravar em placas de pedra indestrutível o que senti então.

Nota do Editor: Colleen faleceu num acidente de automóvel três anos após a morte de sua avó. O depoimento acima foi extraído de seu diário.

Reconhecimento de colaborador:

Ilustrado por Don Seegmiller.

Voltando para casa após a sessão do sacerdócio de uma conferência geral quando eu tinha quinze anos, paramos numa pizzaria e, em consequência disso, aprendi uma lição a respeito do dízimo que jamais olvidarei.

Papai, meus dois irmãos e eu estávamos com fome. Enquanto esperávamos ser atendidos, vi um dos meus colegas trabalhando ali como ajudante de garçom. Perguntei-lhe como conseguira o emprego, e ele me informou que ainda havia va-

gas. Poucos minutos mais tarde, voltou dizendo que o gerente me entrevistaria imediatamente. Talvez por eu estar bem vestido, com uma bonita camisa e gravata, o gerente pareceu bem impressionado. A entrevista transcorreu sem problemas. Mencionei meu desejo de não trabalhar aos domingos e ele disse que não faria mal — tinha uma porção de gente que não fazia questão. Fui contratado para começar a trabalhar tão logo pudesse.

Nos dois anos seguintes, fui con-

"Fazei Prova de Mim."

Scot R. Meyers



seguindo subir até o cargo de pizzaiolo. Então certa noite, ao iniciar meu turno, reparei que haviam cortado um de meus dias de trabalho. Meu chefe disse que, se eu quisesse trabalhar o número costumeiro de horas, havia vaga no domingo. Trabalhei no domingo e me senti pessimamente; por isso, neguei-me a trabalhar aos domingos dali por diante. Meu relacionamento com o chefe começou a piorar e pus-me a procurar outro trabalho.

Era interessante que, embora fosse bastante decidido quanto a não violar o dia santificado, negligenciava um outro mandamento — a lei do dízimo. Eu não costumava pagá-lo, a menos que meus pais me chamassem atenção. Então dizia “Está bem, está bem”, e na semana seguinte metia algum dinheiro no envelope. Simplesmente não fazia sentido desfazer-se de um décimo de meu salário tão suado.

Continuei procurando trabalho sem nenhum resultado. Orei ao Pai Celeste com toda sinceridade, confiante de que me ajudaria. Uma noite, enquanto orava, ocorreu-me uma idéia. Por que o Senhor haveria de querer ajudar-me a conseguir outro emprego, se não estava pagando o dízimo do meu emprego atual? Estudei duas escrituras:

“E depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a

maior abastança.” (Malaquias 3:10.)

“Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas quando não o fazeis não tendes promessa nenhuma”. (D&C 82:10.)

Decidi cumprir o mandamento. Fui ao banco e retirei uma soma considerável de minhas economias para pôr meu dízimo em dia. Levei o dinheiro à casa do bispo naquela mesma noite.

Em minha busca de trabalho, eu me candidatara a um emprego numa oficina que instalava silenciosos em automóveis. Isto foi em janeiro, e eles disseram-me que não precisariam de mais pessoal até dezembro. Dois dias depois de haver saldado meu dízimo, alguém da tal oficina telefonou, perguntando se eu poderia começar a trabalhar no dia seguinte. Quando chegou a hora de partir para a missão, eu estava ganhando três vezes mais do que ganhava como pizzaiolo, além de uma boa comissão. Assim, pude financiar pessoalmente a metade das despesas da missão. Além disso, depois de estar na missão um ano, o proprietário da oficina de silenciosos telefonou a meus pais, oferecendo-se para pagar o resto de minhas despesas da missão.

Alguns poderiam alegar que tudo foi mera coincidência. Eu, no entanto, diria que fui abençoado por, finalmente, começar a viver um princípio do evangelho. O dízimo realmente abre as portas para as bênçãos do Senhor.

Jovens chilenos levam dúzias de pessoas para a Igreja

Por John L. Hart

Nessa cidade de um vale nos Andes, os muros amarelos ou laranja são altos e as calçadas são de ladrilhos alinhados. Juan Carlos Martinez — chame-o Lucho como os missionários — caminha ao longo dos muros a procura de pesquisadores.

Ele presta pouca atenção à agitação em torno de si, barulho de carretas sendo carregadas com produtos para o mercado ou os táxis apressados que provocam um ruído estridente ao passar por elas. Lucho passa pelos portões e vai para o quintal, uma área mais tranqüila onde freqüentemente as videiras se retorcem em torno das treliças.

“Olá. Olá,” chama. A mulher da casa interrompe a tarefa para ver um menino de 13 anos de idade, com uma expressão melhor descrita como um sorriso muito sincero.

Lucho é um dos 25 “jovens” ou jovens missionários entre 12 e 23 anos que encontram e preparam famílias para os missionários, mostrando filmes estáticos e fazendo amizade. Nos últimos seis meses, dezenas de famílias no Chile foram trazidas à Igreja através de seus esforços e dos ensinamentos dos missionários da Missão Chile Santiago-Norte.

Nesta porta, uma mulher “muito católica” dispensou o garoto.

“Eu fiquei pensando por que o Senhor não me estava ajudando”, recordou Lucho. “Antes de sair pelo portão, eu orei. Ouvi as crianças pedindo à mãe permissão para ver o filme.”

“Está bem,” disse a mulher dando de ombros. “Que mal um garoto pode fazer?”

Muitos chilenos, que não permitem a entrada de missionários de tempo integral, deixam os jovens mostrarem um filme. Alguns como esta mulher, “precisam de mais tempo”, enquanto outros concordam em receber os “charlas”, ou palestras.

Outra jovem deste grupo, Viviana Contreras Escobar, 14 anos, magra, cabelo avermelhado, corou e riu quando explicou como ela prepara as pessoas para receberem uma lição. “Eu pergunto a elas se dois gringos bem simpáticos podem visitá-las e contar-lhes mais coisas a respeito da Igreja.”

Viviana e uma companheira tinham ido a uma casa mostrar um filme uma noite, quando faltou força, deixando-as na rua totalmente escura. “Eu tive muito medo”, disse. “Então oramos lá mesmo na rua.” Elas decidiram bater nos portões; e no primeiro que bateram tinha eletricidade, a única moradia que não foi atingida pela falta de energia elétrica, e puderam mostrar o filme lá. Logo as luzes da rua se acenderam.

“Fomos para casa muito felizes,” disse Viviana. “Aquela experiência deu-nos um testemunho a respeito da oração.”

Por causa de A Igreja não estar estabelecida completamente em sua área, os jovens têm poucas atividades. Sua obra missionária lhes dá alguma coisa para fazer. Também se reúnem uma ou duas vezes por semana, e mantêm um moral alto.

“Ver as pessoas serem batizadas me torna muito feliz. É a melhor coisa que tenho sido capaz de fazer desde que cheguei à terra”, disse Viviana.

